

# Pólis/Cosmópolis

## Identidades Globais & Locais

**Carmen Soares, Maria do Céu Fialho  
& Thomas Figueira (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

No conjunto das “cascudianas”, pequenas histórias que evidenciam o “bom humor” de Luis da Câmara Cascudo, recolhidas por Diógenes da Cunha Lima, encontramos a reprodução de um diálogo entre ele e o então governador do Rio Grande do Norte, Sylvio Pedroza, que, acostumado a ir ter com ele ao final do expediente no Palácio Potengi, reclama por não mais encontrá-lo:

“- Que aconteceu, Cascudo? No fim do expediente não o encontro em casa. Não o vejo mais.

- Estou selecionando crepúsculos. Toda tarde, cinco e meia, saio de casa e vou ver o crepúsculo de um ângulo novo. Não é pra nada, só alegria íntima.”<sup>1</sup>

Ora, se, tal como fazia o próprio Cascudo quando investigava ou citava a obra e as idéias de um pensador, começarmos pela identificação de sua data de nascimento e morte, verificaremos que Luis da Câmara Cascudo nasceu na cidade do Natal, em 30 de dezembro 1898 e aí faleceu em 30 de julho de 1986. Isto significa que sua vida transcorre entre o final do século XIX e o penúltimo decênio do século XX, portanto, um homem entre dois mundos, ou, talvez, um homem que viu esses dois mundos em sua dupla dimensão crepuscular, a matutina e a vespertina:

“Ôrai, Hora, Horae, Horas, as três estações gregas, vinte e quatro horas do dia e da noite, filhas de Cronus, o Tempo, sempre tiveram respeito para o espírito dos homens de outrora. Dividiam a luz e as trevas com as gradações de penumbra. Assistiam aos mistérios, aos encantamentos, ao nascer e morrer de todas as coisas deste mundo. Tudo em sua hora! ... Boa hora, má hora, são os quadros normais da atividade humana. Vinte séculos caíram sobre as devoções greco-romanas às Ôrai mas os vestígios resistiram e são reconhecíveis nos dias contemporâneos. (...)

O grego inventou o mito de Alectrion, o companheiro de Marte, encarregado de vigiar e guardar os seus encontros com a deusa Vênus. Alectrion descuidou-se e o Sol avistou os dois amantes, indo denunciá-los a Vulcano, marido enganado. Por isso o galo canta estridentemente durante a noite, anunciando a aproximação do Sol, lembrando do castigo e da perdida dignidade custodial. O canto do galo é a divisão mais universal. Dividia a noite grega e passou para Roma. Para os romanos *noctis septem tempora sunt*. Eram os *crepusculum*, *Fax*, quando as luzes se acendiam; *conclubium*, hora de dormir, *quo nos quieti damus*, a noite alta, *nox intempesta*, seguindo-se o *gallicinium*, quando o galo canta, e *conticinium*, quando ele cessa o canto, finalmente *aurora*, *tempus quod ante solem est*. Literariamente dizem *antelecuem*, quando a manhã bruxuleia, *ad*

---

<sup>1</sup> Cf. Lima, 1998:175.

*meridiem, meridiem*, perto do meio-dia e meio-dia etc. (...)

No tocante às supertições diz-se em Portugal *horas abertas*, horas sem defesas, tempo em que as forças do Mal estão livres de reação maior, aos quatro períodos do dia, Meio-Dia, Meia-Noite e os crepúsculos vespertino e matutino. Surgem nessas horas os fantasmas, animais encantados, pavores, formas assombrosas e vagas que o canto do galo dissipa. Nos crepúsculos portugueses passam a galinha com os pintos, a porca dos sete leitões, a ovelha, a moura, o tardo, o coisa-ruim, a zorra de Odeloca berrando. (...)

No sertão rezam as velhas senhoras pela madrugada, quando os galos amíudam os cantos. Há horas melhores para Deus escutar o pedido. Antes do sol nascer, com sinais-de-dia no horizonte, as rezas são de efeito prodigioso. Mantém-se a tradição de orar com velas acesas, (...). A muita luz dispersa a atenção e a penumbra concentra o pensamento.

A Morte prefere visitar os doentes nessas horas abertas, especialmente nos dois crepúsculos. Quando o Sol nasce ou morre são as horas-da-Morte.<sup>2</sup>

A reflexão sobre as *Órai* no ensaio XVI, do famoso *Anúbis e outros ensaios*, no qual os temas de nossa “mitologia” são recenseados em seu passado mais remoto, onde a literatura clássica é fonte constante de informação e recurso hermenêutico para uma avaliação das matrizes temporais de nossas tradições, a explicitação da função crepuscular, os crepúsculos matutinos e vespertinos, já nos oferece um quadro valioso dos limites, dos temas e das ambições da investigação cascudiana: a “civilização” e a “cultura”; a morfologia das “coisas do povo” e das “coisas da ciência”, expressas pela determinação das atividades humanas no intervalo crepuscular, tanto no nível das crenças quanto no nível do determinismo das “ciências iátricas”.<sup>3</sup>

Por outro lado, a angulosidade nova de cada crepúsculo selecionado por Cascudo parece apontar não somente para a dupla formação intelectual de “nosso etnógrafo”: a medicina, que estudou até o 4o. ano, primeiro na Faculdade de Medicina da Bahia, em 1918, e depois na Faculdade de Medicina Rio de Janeiro, de 1919 a 1922, e, o direito cursado na Escola do Recife de 1924 a 1928,<sup>4</sup> quando concluiu o bacharelado, mas, sobretudo, para a função que exerceu ao longa de toda a sua vida, a de professor.<sup>5</sup>

<sup>2</sup> Cascudo, 1983, 2a: 117-120.

<sup>3</sup> Ver também, Cascudo, 1983: 611: “Ainda o povo de Portugal e Brasil aceitará a presença tenebrosa das horas abertas, em que a moléstia é mais traiçoeira e a Morte mais freqüente. Horas dos crepúsculos matutino e vespertino, hora em que se morre, coincidente com os abaixamentos de temperatura, descompressão, desequilíbrios climático. (...). O determinismo que as ciências iátricas pretendiam impor ao organismo humano é irmão da ditadura endocrínica ou do fatalismo biotipológico.”

<sup>4</sup> Gico, 1998: 7-18.

<sup>5</sup> Luis da Câmara Cascudo foi professor da Escola Normal, do Colégio Atheneu Norte-Riograndense, dos Colégios Pedro II, Marista e N.ª S.ª das Neves, do Instituto de Música,

Foi como professor que Cascudo escreveu grande parte de sua obra e conduziu suas pesquisas “além das limitações dos currículos” tal como expõe na *Preliminar de Civilização e Cultura*,

“Já as fogueiras de São João seis vezes foram acesas desde que comecei este livro. E seis vezes ouvi a missa-do-galo na noite de Natal. Trabalho em dezembro, quando os cursos estão encerrados e eu posso viajar na quarta dimensão das simpatias bibliográficas, *além das limitações dos currículos*.

Naturalmente não compendiei a matéria de etnografia geral talqualmente exponho aos meus alunos da Faculdade de Filosofia, e sim reuni documentário sobre os vários ângulos de possível curiosidade, finalizando o programa total.”<sup>6</sup>

Assim, acreditamos, será o valor reflexivo que a metáfora da seleção de crepúsculos indicar-nos-á na aparente ‘brincadeira’ bem humorada da história contada por Diógenes da Cunha Lima, o crepúsculo evoca vários níveis da investigação cascudiana, expressando a busca de algo cuja duração se repete na pluralidade das horas, mas que, para ser visto, exige acuidade de visão para valer-se, como método de trabalho, da penumbra propiciadora da concentração do pensamento, capaz de demarcar uma “ação criadora” que emerge dos inconciliáveis fim e começo, fluxo e refluxo, como uma “contemporaneidade do milênio, o presente da ‘antiguidade’, as formas vivas na diuturnidade do exemplo.”<sup>7</sup> A busca das “constantes etnográficas” serão agenciadas a partir de uma rotina de trabalho que levou-o a ler a literatura grega e latina, pois, nelas, descobria, conforme contou a Zila Mamede, que “a farinha de peixe da Amazônia era conhecida dos babilônios; que o costume de estirar a língua já fora anotada em Tito Lívio, superstições ouvidas na cozinha doméstica estavam em Horácio, Tácito e Suetônio, em Aristóteles e Xenofonte.”<sup>8</sup>

Portanto, o que pretendo discutir aqui, nesse curto tempo conferencial, são as grandes linhas interpretativas contidas na imensa obra de Luis da Câmara Cascudo, que nos remetem a uma hermenêutica original, mas não solitária, porque no mesmo lastro podemos divisar autores como João Guimarães Rosa, Manuel Bandeira, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda, no contexto do pensamento brasileiro do século XX: uma leitura do Brasil à luz de uma certa concepção de ‘civilização’ e de ‘cultura’, na qual viajam os elementos mas não o

---

e, Professor Emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, da qual foi um dos fundadores, e onde ensinou Direito Internacional, na Faculdade de Direito e Etnografia, na Faculdade de Filosofia. Na UFRN, Cascudo foi diretor do Instituto de Antropologia, onde funciona, atualmente, o Museu Câmara Cascudo. Cf. Gico, op. cit., p.7 e a nota da Editora Itatiaia com os dados biográficos do autor, na edição de 1983, de *Cultura e Civilização*.

<sup>6</sup> Cascudo, 1983: 15. Grifo nosso.

<sup>7</sup> Cascudo, 1983: 693.

<sup>8</sup> Mamede, 1970: 12, v.1.

corpo da civilização determinante.<sup>9</sup> Para tanto, vou dividir esta apresentação tomando por base duas obras de Câmara Cascudo: a basilar *Civilização e Cultura*, e o confessional *Prelúdio e fuga do real*, desconhecido, creio, de boa parte dos intérpretes do pensamento brasileiro do século passado.

### 1. CIVILIZAÇÃO E CULTURA: O PRESENTE DA “ANTIGUIDADE”

A publicação dos dois volumes de *Civilização e Cultura – Pesquisas e notas de Etnografia geral*, pela Livraria José Olympio Editora, em 1973, foi o fim de um conturbado percurso editorial. Segundo nos conta Cascudo, em “História de um livro perdido”, separata dos Arquivos do Instituto de Antropologia da UFRN, publicada em junho de 1966,<sup>10</sup> durante dez anos ele trabalhou intensamente na elaboração da obra, e uma vez concluído o trabalho, o original foi entregue à Imprensa Estadual de Pernambuco, por convite de “afetuoso amigo”. Com a demora na publicação do trabalho, Cascudo foi instado, em dezembro de 1964, por Zeferino Vaz, então reitor da Universidade de Brasília e pelos professores Onofre Lopes e José Tavares da Silva, da UFRN, a transferir a edição da obra para uma coleção brasileira de divulgação científica que Vaz pretendia inaugurar em Brasília. Foi quando, então, telegrafou a Recife solicitando a devolução dos originais, e, para sua indignada surpresa, descobriu que o livro, do qual não tinha cópia, havia desaparecido, restando apenas o “título melancólico de livro perdido”<sup>11</sup>. Dos originais desaparecidos apenas três capítulos já haviam sido publicados<sup>12</sup>, e dada a impossibilidade de “reavivar o roteiro das pesquisas, análises e conclusões, nem sempre maquinais dos cursos na Etnografia Geral”<sup>13</sup>, a divulgação do Índice geral e do Índice de assuntos, que com algumas notas esparsas, constituíam o saldo total do esforço de todos aqueles anos, visava registrar e comprovar os temas estudados e investigados direta e indiretamente, em viagem e livro, em uma “simples indicação denominadora, desde que o texto não existe mais.”<sup>14</sup>

Quatro anos depois os originais reapareceram e foram devolvidos “amarrados como papel de embrulho, sujos, riscados, alguns capítulos incompletos, páginas e páginas inutilizadas por um delírio neurótico de riscos e interrogações! O livro perdido passara a Livro Morto. Guardei-o numa gaveta para todo o sempre.”<sup>15</sup> Entretanto, com a intervenção de Daniel Pereira, diretor da José Olympio, “pretendendo reaver o defunto”, e a ação efetiva de Onofre Lopes, em

---

<sup>9</sup> Cf. Cascudo, 1983: 17-21.

<sup>10</sup> Cascudo, 1966: 5-19.

<sup>11</sup> Cascudo, 1966: 5.

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*.

<sup>14</sup> Cascudo, 1966: 6.

<sup>15</sup> Cascudo, 1983: 23.

maio de 1971, desejando a publicação do livro tal como “estivesse no arquivo, sem prever prêmio ou recompensa, para documentar o labor desinteressado e tenaz, dos professores provincianos do Brasil Universitário”, e uma vez que, em 1963, a Etnografia Geral havia sido suprimida do currículo da ex-Faculdade de Filosofia, o que equivalia, segundo Cascudo, a ensinar álgebra sem aritmética ou a “semear no mar”, como suspirara Bolívar, ele decide por sua publicação, concluindo, assim, a “odisséia de sua tarefa” com o ressarcimento das “melancolias de onze anos angustiados.”<sup>16</sup>

As 741 páginas que compõem o texto estão estruturadas em três eixos centrais: [i] a questão histórica, isto é, a apresentação das diversas tentativas de conceitualização da antropologia como disciplina e dos sentidos aí atribuídos à etnografia e à etnologia, desde a etimologia até ao contexto “evolutivo” de suas teorias e doutrinas; [ii] a determinação de uma teoria da cultura e da civilização que conforma a determinação dos “elementos da estabilidade humana”; e, [iii] a descrição de cada um desses elementos: a ecologia, o instinto aquisitivo, a conduta e a norma, o fogo, o abrigo, o agasalho, a ornamentação, as jóias, o cabelo, a barba, o bigode, o corpo humano como medida do mundo, as funções físicas e simbólicas, o senso de orientação, o primeiro lar, a propriedade, a caça, a pesca, a domesticação de animais, a agricultura, a alimentação, o comércio, os transportes, o solidarismo, a economia e as indústrias milenárias, a religião, a antropofagia, a arte, a lúdica, a dança, os instrumentos sonoros, o canto, a poesia, o teatro, os esportes, a medicina, a fala, a escrita e o poder do nome, a família, o governo, a lei, a delegação e o direito, e, a cultura popular; a partir de uma exaustiva exemplificação do que Cascudo chamará de “constantes etnográficas”, obtidas pela confluência de dados e informações que atravessam distâncias geográficas e culturais como uma “ação criadora”.<sup>17</sup>

Avesso às questões de método, o que por mais de uma vez será sublinhado em *Civilização e cultura*,

“Não me alistando sob qualquer bandeira doutrinária, e tendo para os mestres uma admiração fervorosa que não implica submissão deslumbrada nem preito de obediência, tive nessa etnografia geral a mesma curiosidade de percurso com que viajei pelo mundo, sem guias letrados e sem itinerários marcados pelo asterisco do Baedeker. Fui procurando com a simples alegria da identificação e a todos ouvindo sem a obrigatoriedade devocional.

Não me arrependo da ausência de métodos e menos ainda de ter recorrido aos elementos que julgo úteis para um esclarecimento.”<sup>18</sup>

---

<sup>16</sup> Cascudo, 1983: 24.

<sup>17</sup> Cascudo, 1983: 17.

<sup>18</sup> Cascudo, 1983: 15.

e seguidor ativo da máxima machadiana de que a epígrafe “não é somente um meio de complementar as pessoas da narração com as idéias que deixarem, mas ainda um par de lunetas para que o leitor do livro penetre o que for menos claro ou totalmente escuro”<sup>19</sup>, Cascudo aporá como epígrafe às 741 páginas de *Civilização e cultura*, a passagem dos *Atos dos Apóstolos*, IV, 20: “Não podemos, pois, deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido”, para marcar toda sua tarefa etnográfica, isto é, a exposição de motivos e argumentos sem o sentido da decisão doutrinária, de modo sempre provisório, atendo-se ao caminho como uma conseqüência natural da própria percepção do conjunto.<sup>20</sup>

É nesse ‘caminho’ que a Antiguidade Clássica parece subsidiar boa parte dos argumentos e dos motivos que irão possibilitando essa ‘percepção do conjunto’, e, é pois, buscando trilhar esse caminho que tentarei delinear os temas clássicos nos argumentos cascudianos.

---

<sup>19</sup> Machado de Assis, 1970: 966.

<sup>20</sup> Cascudo, 1983: 21.

- Seignobos, Ch. (1969), *Histoire sincère de la nation française*, Paris.
- Semerari, L. (2000), *Aula Magna Università degli Studi di Bari*, Bari.
- Sergent, B. (2006), “Sucellus et le tonneau”, in *Anthropology of the Indo-European World and Material Culture. Proceedings of the 5th International Colloquium of Anthropology of the Indo-European World and Comparative Mythology*, Budapest, 61-80.
- Serra, J. C. da (1972), *Academia Real das Sciencias de Lisboa*, II, cap. VII, Lisboa.
- Sforza, W. C. (1951), “Osservazioni sul ‘De nobilitate legum’ di Coluccio Salutati”, in E. Castelli (ed.), *Umanesimo e Scienza politica (Atti del congresso Internazionale di Studi Umanistici, Roma-Firenze, 1949)*, Milano.
- Shapiro, H.A. (1993), *Personification in Greek art: the representation of abstract concepts 600-400 b.C.*, Zürich.
- Shaw, M. H. (1982), “The ἦθος of Theseus in ‘The Suppliant Women’”, *Hermes* 110. 1: 3-19.
- Shorrock, R. (2011), *The Myth of Paganism: Nonnus, Dionysus and the World of Late Antiquity*, Bristol.
- Sigeia, L. (1970), *Dialogue de deux jeunes filles sur la vie de retraite (1552)*, Présenté, traduit et annoté par O. Sauvage (ed.), Paris.
- Sillières, P. (1990), *Les voies de communication de l’Hispanie méridionale*, Paris.
- Silva, N. J. E. G. (1964), *Humanismo e Direito em Portugal no século XVI*, Lisboa.
- Simón, I. (2013), *Los soportes de la epigrafía paleohispánica. Inscripciones sobre piedra, bronce y cerámica*, Zaragoza, Sevilla.
- Siniscalco, P. (2004, 5ª ed.), *Il cammino di Cristo nell’Impero romano*, Roma, Bari.
- Slavazzi, F. (2006), “Il ciclo di relievi della Kaisersaal del ginnasio di Vedio a Efeso”, in *Iconografia 2005. Immagini e immaginari dell’antichità classica al mondo moderno*, Roma, 235-243
- Smyth, A. C. (2011), *Polis and Personification in Classical Athenian Art*, Leiden.
- Snodgrass, A. M. (1977), *Archaeology and the rise of the Greek state*, Cambridge.
- Snodgrass, A. M. (1980), *Archaic Greece. The age of experiment*, Londres.
- Soares, C. (2008), *Platão. O Político*. Tradução do grego, introdução e notas, Lisboa.
- Soares, C. (2014), “Theoria e práxis política em Heródoto”, *Cuadernos de Filología Clássica: Estudios griegos e indoeuropeus* 24: 57-79.
- Soares, N. C. (1994), *O príncipe ideal no século XVI e a obra de D. Jerónimo Osório*, Coimbra.
- Soares, N. C. (2002), “O infante D. Pedro e a cultura portuguesa”, *Biblos. Revista da Faculdade de Letras* 78:107-128.



- Sodano, A. R. (1970), *Porphyrii Quaestionum Homericarum Liber I*, Napoli.
- Solas, J. G. (2008), “Escrito sobre la ciudad”, *Pensar la publicidad*, II, n. 2: 37-62.
- Sordi, M. (1965), *Il cristianesimo e Roma*, Bologna.
- Sordi, M. (1984), *I cristiani e l'impero romano*, Milano.
- Soria, A. (1956), *Los humanistas de la Corte de Alfonso el Magnánimo (según los epistolarios)*, Granada.
- Sousa, D. A. C. de (1946-1954), *Memória dos livros do uso del Rey D. Duarte*, in *Provas da história genealógica da casa real portuguesa*, tomo I, liv. III, Coimbra.
- Sousa, R., Fialho, M. C., Haggag, M., Rodrigues, N. S. (2013), *Alexandrea ad Aegyptum: The Legacy of Multiculturalism in Antiquity*, Lisboa.
- Spickermann, W. (1997), “Aspekte einer neuen regionalen Religion und der Prozess der “interpretatio” im römischen Germanien, Rätien und Noricum“, in *Römische Reichsreligion und Provinzialreligion*, Tübingen, 145-167.
- Spyridakis, S. (1968), “Zeus is Dead: Euhemerus and Crete”, *CJ* 63: 337-340.
- Stafford, E., Herrin, J. (eds.) (2005), *Personification in the Greek World from Antiquity to Byzantium*, Burlington.
- Statuta capitulorum generalium ordinis Cisterciensis ab anno 1116 ad annum 1786 edidit Josephus M.<sup>ia</sup> Canivez* (1933-1941), 8 vols., Louvain.
- Stefan, A. (2005), “Le titre de *filius Augustorum* de Maximin et Constantin et la théologie de la tétrarchie”, in M.-F. Baslez, F. Prévot (eds.), *Prosopographie et histoire religieuse. Actes du colloque tenu en l'Université Paris XII-Val de Marne le 27 & 28 octobre 2000*, Paris, 329-349
- Stefani, G. (1986), “I cippi a botte della provincia Sardinia”, *Nuovo bullettino Archeologico Sardo* 3: 115-160.
- Stefani, G. (1988), “Cippi a botte nella basilica di S. Saturnino a Cagliari”, *Quaderni della Soprintendenza archeologica per le province di Cagliari e Oristano* 5: 167-175.
- Stegmann, A. (1977), “La place de la praxis dans la notion de ‘raison d’État’”, in *Théorie et pratique politiques à la Renaissance*, Paris.
- Steinbrecher, M. (1985), *Der Delisch-Attischen Seebund und die Athenisch-Spartanischen Beziehungen in der Kimonischen Ära (478/77 – 462/1)*, Berlin.
- Stemmer, K (ed.) (1995), *Standorte – Kontext und Funktion antiker Skulptur*, Berlin.
- Sterckx, C. (2008), “Sucellos et le casque d’Hadès”, in *Philomythia. Mélanges offerts à Alain Moreau*, Monts, 223-229.
- Stern, J. (1996), *Palaephatus. Peri Apiston: On Unbelievable Tales*, Wauconda.

- Stern, J. (1999), “Rationalizing Myth: Methods and Motives in Palaephatus” in R. Buxton, R. (ed.), *From Myth to Reason? Studies in the Development of Greek Thought*, Oxford, 215-222.
- Stewart, A. (1990), *Greek Sculpture: an exploration*, New Haven, Yale.
- Storey, I. C. (2003), *Eupolis poet of old comedy*, Oxford.
- Stowe Mead, G. R. (1901), *Apollonius of Tyana, the Philosopher-Reformer of the First Century A.D.*, London.
- Strassler, R. B. (ed.) (2007), *Landmark Herodotus: The Histories*, New York.
- Strassler, R.B. (ed.) (2009), *Landmark Herodotus: The Histories*, New York.
- Strootman, R. (2010), “Literature and the Kings”, in Clauss, J., Cuypers, M. (eds.), *A Companion to Hellenistic Literature*, Malden, Oxford, 30-45.
- Suberbiola Martínez, J. (1987), *Nuevos concilios hispano-romanos de los siglos III y IV. La colección de Ekvira*, Málaga.
- Szabó, Á. (2007), *Daciai papság*, Budapest.
- Szabó, Á. (2008), “Sulla questione dello statuto giuridico dei sacerdoti provinciali durante il principato. Studio preliminare”, *Iustum Aequum Salutare* 4: 71-81.
- Tamerl, I. (2008), *Das Holzfass in der römischen Antike mit einer Studie zu Fassfunden in Raetien*, Diplomarbeit presso l'Università di Innsbruck, consultabile presso la Universitäts- und Landesbibliothek Innsbruck DG43696.
- Tate, J. (1927), “The Beginnings of Greek Allegory”, *CR* 41.6: 214-215.
- Tchernia, A. (1986), *Le vin de l'Italie romaine. Essai d'histoire économique d'après les amphores* (BEFAR 261), Rome.
- Teive, D. de (1786), *Epodos Que Cont'em Sentenças Uteis A todos os Homens, A's quaes se acrescentão Regras para a boa educação de hum príncipe*. Trad. no vulgar em verso solto por Francisco de Andrade (conforme à ed. de Lisboa, 1565), Lisboa, Na Of. Patr. de Francisco Luiz Ameno.
- Temporini, H. (1978), *Die Frauen am Hofe Trajans. Ein Beitrag zur Stellung der Augustae im Principat*, Berlin, New York.
- Thomson de Grummond, N. (2006), *Etruscan Myth. Sacred History, and Legend*, Philadelphia.
- Tomlin, R. S. O. (1987), “Was ancient British Celtic ever a written language? Two texts from Roman Bath”, *Bulletin of the Board of Celtic Studies* 34: 18-25.
- Topál, J. (1990), “Der Import der sogenannten Moselweinkeramik in Pannonien”, *ReiCretActa* 27-28: 177-184.
- Tortorici, E. (1975), *Castra Albana. Forma Italia, Regio I*, Roma.
- Touchard, J. (1959), *Histoire des idées politiques*, I. Paris [trad. port. Lisboa, 1970].

- Tranoy, A. (1981), *La Galice romaine*, Paris.
- Tuchelt, K. (1981), “Zum Problem Kaisareion-Sebasteion. Eine Frage zu den Anfängen des römischen Kaiserkultes”, *MDAI*, 31 : 167-186.
- Ulbert, G. (1959), “Römische Holzfässer aus Regensburg”, *Bayerische Vorgeschichtsblätter* 24: 6-29.
- Ullman, B. L. (1963), *The humanism of Coluccio Salutati*, Padova.
- Ullmann, W. (1980), *Radici del Rinascimento* (tr. ital.), Roma, Bari.
- Unz, R.K. (1985), “The Surplus of the Athenian *phoros*”, *GRBS* 26: 21-42.
- Ureña Prieto, M. H. (2001), *Dicionário de Literatura Grega*, Lisboa.
- Valiño, A. (1999), “La cerveza en las fuentes romanas. Base textual y fijación de su importancia”, *AncHistB* 13: 60-71.
- Van Haeperen, F. (2002), “Le collège pontifical (3ème s. a.C.-4ème s. p.C.)”, *Études de Philologie, d’Archéologie et d’Histoire Anciennes* 39: 11-42.
- Varner, E.R. (2004), *Mutilation and transformation. Damnatio memoriae and Roman Imperial Portraiture*, Leiden, Boston.
- Várzeas, M. I. O. (2013), “Callimachus and the New Paths of Myth”, in R. Sousa et alii (coord.) *Alexandrea ad Aegyptum: the legacy of multiculturalismo in antiquity*. Lisboa.
- Velaza, J. (2003), “Epigrafía ibérica emporitana: bases para una reconsideración”, *Palaeohispanica* 3: 179-192.
- Velaza, J. (2003a), “Las inscripciones monetales”, in P. P. Ripollés, M. del M. Llorens, *Arse-Saguntum. Historia monetaria de la ciudad y su territorio*, Sagunto, 121-148.
- Velaza, J. (2009), “Epigrafía y literacy paleohispánica en territorio vascón”, *Palaeohispanica* 9: 611-622.
- Vergerio, P. P. (1934), “Epistolario di Pier Paolo Vergerio”, in L. Smith (ed.), *Fonti per la storia d’Italia*, vol. 74, Roma, 436-445.
- Vierneisel, K., Zanker, P. (1979), *Die Bildnisse des Augustus: Herrscherbild und Politik in kaiserlichen Rom*, München.
- Villar, F., Pedrero, R. (2001), “Arroyo de la Luz III”, *Palaeohispanica* 1: 235-274.
- Vinogradov, J. G. (2000), “Heilkundige Eleaten in den Schwarzmeergründungen”, in M. Dreher (ed.), *Bürgersinn und staatliche Macht. Festschrift für Wolfgang Schuller zum 65. Geburtstag*, Konstanz, 133-149.
- Vittinghoff, F. (1951), *Römische Kolonisation und Bürgerrechtspolitik unter Caesar und Augustus*, Wiesbaden.
- Vives, J., Marín, T., Martínez, G. (1963), *Concilios visigóticos e hispano-romanos*, Madrid, Barcelona.

- Voragine, T. (2004), *Legenda Áurea*. Apresentação do Cardeal Dom José Saraiva Martins e introdução do Doutor Aníbal Pinto de Castro. Tomo Segundo, Porto.
- Waern, I. (1951), ΓΗΣ ΟΣΤΕΑ. *The Kenning in Pre-Christian Poetry*, Uppsala.
- Wallace, M. B., Figueira, T. J. (2010), “Notes on the Island *Phoros*”, *ZPE* 172: 65-69.
- Wallace-Hadrill, A. (2005), “*Mutatas formas*: The Augustan Transformation of Roman Knowledge”, in K. Galinsky (ed.), *The Cambridge Companion to the Age of Augustus*, Cambridge, 55-84.
- Wallinga, H. T. (2005), *Xerxes' Greek Adventure. The Naval Perspective*, Leiden.
- Walter, H. (1993), *Ägina: die archäologische Geschichte einer griechischen Insel*, München.
- Walters, K. R. (1981), “Four Hundred Athenian Ships at Salamis?”, *RhM* 124: 199-203.
- Wankel, H. (1983), “Thukydides 1,74,1 und die Schiffszahlen von Salamis”, *ZPE* 52: 63-66.
- Wells, J. (1923), *Studies in Herodotus*, Oxford.
- Wesseling, P. (ed.) (1735), “Itinerarium Antonini Augusti”, *Vetera Romanorum Itineraria*, Amesterdão.
- West, M. L. (1985), *The Hesiodic Catalogue of Women: Its Nature, Structure, and Origins*, Oxford.
- Westrem, S. D. (2001), *The Hereford Map. A Transcription and Translation of the Legend with Commentary*, Turnhout.
- Williams, D. (1987), “Aegina, Aphaia-Tempel XI: the pottery from the second limestone temple and the later history of the sanctuary”, *AA*: 629-680.
- Williamson, G. (2004), “Aspects of identity”, in C. Howgego, V. Heuchert, A. Burnett (eds.), *Coinage and Identity in the Roman Provinces*, Oxford, 19-27.
- Winiarczyk, M. (2013), *The «Sacred History» of Euhemerus of Messene*, Berlin.
- Witschel, Chr. (1995a), “Römische Tempelkultbilder und Römische Kaiserstatuen als Tempelkultbilder”, in K. Stemmer, (ed.), *Standorte. Kontext und Funktion antiker Skulptur; Ausstellungskatalog Abgußsammlung*, Berlin, 250-265.
- Witschel, Chr. (1995b), “Statuen auf römischen Platzanlagen unter besonderer Berücksichtigung von Timgad (Algerien)”, in K. Stemmer (ed.), *Standorte. Kontext und Funktion antiker Skulptur; Ausstellungskatalog Abgußsammlung*, Berlin, 332-358.
- Witschel, Chr. (2002), “Zum Problem der Identifizierung von munizipalen Kaiserkultstätten”, *Klio* 84: 114-124.